

MARIA DOS CANOS SERRADOS



COMPANHIA DAS LETRAS

RICARDO
ADOLFO

Velhinho,
Estamos fodidas. Estamos muito fodidas. Estamos fodidas como o caralho.

Há uma série de coisas que são um problema:

1. A tua pessoa;
2. A tua pessoa nunca estar cá;
3. Não fazermos sexo porque a tua pessoa nunca está cá;
4. Não termos orgasmos porque não fazemos sexo porque a tua pessoa nunca está cá;
5. Andarmos totalmente putas da vida porque não temos orgasmos porque não fazemos sexo porque a tua pessoa nunca está cá;
6. Não falarmos porque não temos as nossas conversas depois dos orgasmos que não temos porque não fazemos sexo porque a tua pessoa nunca está cá.

Por mais que tentemos, não conseguimos perceber porque é que continuas em Armação a fazer turistas por vinte e cinco euros, em vez de estares aqui a cumprir o teu dever com a cabeça entalada no meio das nossas pernas.

Vamos abrir outra garrafa e cheirar o que ainda aí houver, para clarear as ideias. Esperamos que não tenhas tomado tudo, como fazes sempre. E essa é a outra coisa que nos deixa ainda mais fodidas. Nós às vezes também fumamos os restos do chocolate ou damos o último tirinho. Mas sentimo-nos mal. Sabemos

que não o devíamos fazer. Tu não. Tu nem pensas nisso. Quando vês uma carreirinha de sobra, se for preciso até vais para a cozinha só para não teres de a dividir, como aconteceu no mês passado.

 qué que tás a fazer?
 tava a cheirar o restinho
 vieste cheirar e não me chamaste?
 era o meu resto
 e não podias dividir?
 já tínhamos dividido, tu ficaste com quase tudo e sobrou
meia linha pra mim
 metade dessa meia dava na boa pra mim
 tu fizeste as outras três cavia
 isso foi antes
 era só um tirinho, nem deu pra nada
 deu pra ti, podia ter dado pra mim
 mas tu já tinhas dado, dama
 tu não me dames
 amanhã há mais, prometo, era só uma miséria
 é bom cava, pobre
 não me chames pobre
 preto
 mulato, se fosse preto matava-me.

Velhito,

Não sabemos o que é que estava perdido na caixa dos smarties. Não sabemos também como é que fomos do chão da sala para o chuveiro, do chuveiro para o autocarro e do autocarro para esta secretária de onde te tentamos escrever num monitor que não consegue parar quieto e focado.

Valha-nos que estamos com pouco que fazer, sem termos feito esforço algum para isso. Há muito que os fornecedores deixaram de entregar, a não ser que seja a pronto pagamento. O último a enviar uma remessa à confiança arrependeu-se. Passou a ter o número bloqueado por ordens da doutora, que é para aprender que escusa de enviar facturas. Só está a aumentar os seus próprios pagamentos de IVA. Aqui as facturas não são para se pagar nem para se ir pagando. São uma desculpa para manter a contabilidade entretida a fazer montinhos de papel. Ignorar, esquecer, esquecida. Nem as dezenas de caixas que ainda temos em stock conseguem fazer-se à vida. A última carrinha da distribuidora que estacionou no parque vinha cheia de advogados em vez de trolhas das cargas e descargas.

Milhares de cartões pré-pagos com milhões de minutos aguardam o dia em que alguém os compre, raspe e telefone à família a sul do equador a dizer que está tudo bem e que o barulho de fundo é de uns amigos a festejar, enquanto viram as costas aos companheiros da cela sobrelotada.

Horas, semanas, anos de tempo à espera de que o prazo caduque.

Ainda não percebemos como é que uma empresa que não compra, não produz e não vende consegue fazer aparecer no balanço os números que, pelo punho da dona chefe da contabilidade e da doutora, deveriam transformar-se nos cheques que não nos são entregues há alguns meses.

O olho da rua fixa-nos. Sabe que o nosso rabo será dele muito em breve. E, como o único sector que está a expandir é o do gardanho, sentimo-nos cada vez mais próximas do roubo à mão armada. É a evolução natural. Caminhamos para uma vida mais honesta. Uma coisa prometemos, só vamos limpar gajos. Como fazem sempre muito mais do que nós todas juntas, está na altura de a diferença ser cobrada, para sermos iguais na nossa miséria.

Querido Velhinho,

Desculpa a interrupção. Fomos apanhadas pelo falso alarme de incêndio. Tivemos de sair a correr e, como já estávamos na rua, aproveitámos para continuar a andar até ao autocarro que nos trouxe à cama com que sonhámos durante os últimos quatrocentos e oitenta minutos de trabalho obrigatórios por contrato.

De volta à vaca fria — e não estamos a falar da tua mãe —, deve ter sido das castas do Pingo Doce, que ainda mexem e muito, e hoje de manhã estava tudo muito mais turvo, o que não deixa de ser outra forma de se chegar a uma conclusão. O que sobressai é o mais importante. Nós precisamos de pouco, mas não dares o corpo durante semanas a fio e privares-nos dos nossos orgasmos não está para discussão. Para nos foderes por completo, decidiste que não podias deixar de trabalhar durante uma noite para vires festejar o nosso aniversário. Foi pior do que se tivesses ido vestido de palhaço ao funeral do teu pai. Vinte e nove é uma idade difícil. Está quase ali nos trinta, e depois dos trinta está tudo perdido. Precisávamos de ti debaixo de nós, não a enviar-nos mensagens a dizer que estavas muito ocupado a molestar outras cabras.

Ontem, depois de termos telefonado a enxovalhar-te, enviaste-nos uma mensagem com uma foto tua e do teu amiguinho com dois gelados enormes, a dizer que é isto que nós vamos perder. Que merda é esta? Achas que para nós não é difícil? Ou estavas só a tentar fazer-nos sentir pior ainda? Já para

não dizer que é uma foto um bocado veada. Dois criminosos cicatrizados a posar de sorrisinho nas ventinhas ao lado de dois gelados? O detalhe do chantilly bastava para lewares um enxerto de porrada na tua rua. Sim, vocês são criminosos, por mais que não gostes de o ouvir. Quem ganha a vida a fazer porquinhas a vinte e cinco euros é puta. E como ser puta é crime, és um criminoso. Escusas de vir cá com conversas de gigolô, que isso só manda bala nos filmes.

Não percebemos qual foi a ideia. Tu sabes que te adoramos e, gelados, então, mais ainda. E sabes também quanto nós detestamos esse filho de uma vaca louca. Tínhamos um acordo. Tu não mencionavas a peçonha e nós não ficávamos putas com o facto de tu viveres com um estafermo que gostava de ser muito mais do que teu meio-irmão. Não acreditares nisto não faz com que deixe de ser verdade. E o nosso pacto baseado na dupla negação serviu-nos a todos muito bem, até ontem.

Chega. Finito. Over. The end. Cão. Fica lá com os teus gelados e com o teu amiguinho. Ficam bem juntinhos. Veados.

Morzinho Velhinho,
Desculpa, tivemos de ir vomitar. Onde é que íamos? Ah,
sim, é verdade, vai-te foder.

Veadinho,

A garrafa de vinho que restava era muito pior do que lixívia fora de prazo. Fizemos o caminho para o trabalho a exprimir os nossos conteúdos para dentro de um saco do Minipreço. As curvas depois do IC só podem ter sido desenhadas por um cego, bêbado e coxo.

A doutora não nos honra com a sua presença há duas semanas. Esta semana nem telefonou a avisar. A gente pequena que anda por aí a fugir ao subsídio de desemprego anda desgovernada.

Chegámos com tolerância zero para levar com eles. Mas eles são tão autistas, que nem uma ressaca bíblica nos deixam velar em paz. Assim que nos viram esconder dentro do cubículo, enviaram a dona mais júnior da contabilidade para nos interrogar, como se fôssemos uma talibã de férias em Cuba.

a satora?

não tá

e quandé que vai tar?

tanto pode ser mais logo como amanhã

não sabe a que horas?

tanto pode ser a uma hora como a outra

é queu tinha uma coisa pra lhe falar

é urgente?

é, sim

vai ter de esperar

tou-lha dizer qué um problema, um problema muito grande e muito urgente

issé impossível
impossível porquê?
porque os grandes problemas desta empresa só a satora
é que lida com eles
tá a dizer o quê?
cos seus problemas não são tão grandes como você acha
que são
e quem é que disse isso?
a satora, que me deu ordens directas pra não lhe telefonar
ou enviar emails por causa de problemas menores
sisto não for resolvido, nem você lhe vai poder telefonar
nem enviar emails por causa de problemas menores ou maiores
porquê?
as últimas seis facturas tão por pagar, eles dizem que vão
cortar
e ficamos sem net também?
tamos com sorte dainda termos luz e água
eu falo coela
quando?
antes que cortem tudo.

Amor Velho,

Ainda bem que telefonaste. Foi só um mal-entendido, é verdade. Gostámos tanto de ouvir a tua voz, que nos esquecemos de tudo o resto. Vires cá para a semana é tudo o que queremos. Estamos ansiosas por te molestar. Vais daqui mirradinho como o Velhinho que não és.

Continuamos um pouco confusas. Mas somos nós que somos mesmo assim. Não és tu. Tu és fantástico e lindo e maravilhoso e inteligente e genial e amoroso e irresistível e adorável e apaixonante e forte e sexy e incrível, e nós somos as cabras mais sortudas de Rio de Mouro por te termos só para nós, ou quase.

Nosso príncipe Velhinho,

A semana passou e com ela passaram as nossas certezas. Não ajudou não teres aparecido mais uma vez. Nós temos alguma empatia por achares que tens de ajudar a senhora tua mãe e mais todos os meios-irmãos que ela vai trazendo ao mundo. Mas é uma empatia teórica, algo que achamos que te fica bem, e foda-se. Pára mesmo aí. Na prática, entre sabê-los saciados e ver a Buffy refastelada, não temos dúvidas da nossa prioridade. E deixa-nos muitíssimo putas que não seja também a tua. Mais, tudo o que os teus irmãos bastardos precisam mesmo roubam. Não tens de te preocupar. Ainda ontem vimos passar ao pé da estação dois deles em cima de uma bicicleta que deve custar mais do que seis rendas nossas.

Marcámos consulta com uma conselheira espiritual recomendada pela Luísa. Ela tem lá ido e está a ajudá-la imenso. Sentimos que precisamos de começar a ver melhor.

Se tu nos disseses de verdade o que sentes por nós, nada disto seria necessário, até porque é mais uma despesa que não convém nada. Não tens de sentir muito, uma carreirinha chega. E se o disseses em voz alta também ajudava imenso.

Depois da consulta, marcámos com um velho amigo da molestagem. Um moço nervoso, sempre à rasca, sempre com alguém à procura dele, sempre a dever e no crava. Tinha a maior colecção de fatos de treino arco-íris das Mercês à Amadora, mais um cão arraçado de javali que respondia por Besta. Saímos do futuro para um encontro com o passado. Vai ser estranho.

Não o vemos há três anos, desde que foi enjaulado. Não sabemos que mal é que fez ao mundo. Se calhar foi só ter nascido na Serra das Minas. Está acabadinho de sair. Deve vir com a fome e a faminta todas juntas. Esperamos que não nos subam os calores aos ovários.

Cornito,

Tudo isto é triste. A doutora continua sem aparecer. Não atende o telefone nem responde aos nossos emails. Continuamos a espalhar a palavra de que está em viagem de negócios, sem saber porque o fazemos. É provável que seja a herança dos dias em que éramos obrigadas a fazê-lo sob pena de sermos atingidas pela cigarreira voadora. Mentíamos por ela porque queríamos acreditar na mentira de que nos ia fazer directoras. Nunca especificou directoras de quê, mas isso também pouco importava.

Deve estar fechada em casa. Como está mais tesa do que nós e com os cartões tapados, calculamos que esteja quietinha no quarto a ver televisão, intoxicada até à raiz da peruca, a ver se se esquece do apelido e se a família não dá por ela enquanto faz desaparecer mais um naco do património que o senhor seu avô um dia construiu do nada e de uns pinhais roubados por outro avô.

Escrever faz-nos parecer mais ocupadas, logo importantes, quase inacessíveis, diríamos mesmo essenciais à dinâmica deste submarino. E é o único repelente que ainda vai mantendo ao largo a maioria dos mirones. A abertura da época balnear trouxe os nossos decotes e as nossas micro-saias de volta à vida. Os nossos fãs até já devem ter posto no Face que somos contra a opressão e as marcas de biquíni. Tanta mama por esses cubículos fora, e só lhes dá para vir aqui.

Putá do nosso coração,

Não dormimos. Passámos a noite a considerar como seria se nós também estivéssemos na tua linha de negócio. Não que a tua actividade nos incomode. Cada um dá o corpo por aquilo de que mais gosta, e nós sabemos quanto tu gostas de dinheiro. Deve ser uma coisa de preto. Fazer pouco e ganhar muitíssimo com isso. Mas diz-nos o que é que achavas de recebermos cavaleiros em casa ou em hotéis por cem euros à hora. Menos do que isso é insultuoso.

Se as garrafas ganharam asas na noite de Fim de Ano só porque um branquela se esfregou no nosso rabo na pista à cunha do 28 Horas, imaginamos que a barraca pegasse fogo se ele nos tivesse oferecido umas notas para lhe sugarmos os fluidos no baldio das traseiras.

Um dia destes vamos arranjar um cliente. Alguém em boa forma, de um ponto de vista fodível. Como não precisamos e tudo o que queremos é levar a nossa relação para um novo plano de igualdade de liberdades, vamos ser snobs na selecção.

E, em vez de te contarmos os pormenores, vamos filmar. Assim escusas de te torturar como nós, que passamos a vida a fazer o filme. Levas com ele já todo montadinho.

Same same, como diz a dona da loja dos chineses.

Velho corno,

Não partilhámos contigo o nosso encontro de há umas semanas para mantermos vivo o reabilitado. Entretanto, descobrimos que se fosses dentro nem tudo seria mau. A fome é uma delícia. Só não nos foi às orelhas porque temos maneiras.

Fomos convidadas para uma de caracóis e outra de moelas. Pelos vistos, não conseguiu enriquecer nas oficinas de restauração de mobiliário antigo enquanto esteve dentro. Diz que teve um mestre com muito nome que lhe ensinou tudo. Agora gostava de montar a sua própria oficina para restaurar o passado, mas só lhe telefonam para consertar estantes do Ikea. Não lhe dissemos que o passado não tem arranjo possível. Achamos fofas as suas pretensões artísticas. E, com isso em mente, depois dos caracóis com a molhanga mais pirosa de sempre, à base de margarina, declinámos o convite para conhecer a sua penthouse no r/c frente de um qualquer condomínio aberto na Rinchoa e seguimos para múltiplos no banco da paragem do autocarro que entretanto já nos fez aparecer em casa. Convém não vacilar na segurança pessoal. Fugimos mesmo depois de nos ter dito que nos quer apresentar à mãe. Coitadito, não faz ideia de que nós preferimos a fogueira ao altar.

Velho,

A Tina foi hoje para Espanha. Fomos vê-la pela última vez. Estamos tristes. Estamos capazes de chorar um tsunami. Dormimos juntas e tudo. Não sabemos quando é que a vamos ver outra vez. Ela disse para a irmos visitar assim que tiver morada. Gostamos tanto dela que dói. Sempre foi a irmã mais velha que nunca tivemos, a que nos ensinou a arte da garganta funda. Também foi com ela que aprendemos que um brilho nos olhos não quer dizer sempre felicidade, mas sim que já vinha aviada e que tudo o que dissesse ou fizesse não teria qualquer validade no dia seguinte.

Deu-nos o passe, que ainda tem umas semanas e dá para o metro também. De óculos escuros, sempre fomos iguais. Milhares de gins tónicos cravámos com a conversa das gémeas. Boleias para casa, mais ainda. A última vez que molestámos em dupla foi na caixa aberta de uma Pajero, a ouvir o eco dos gritos da Tina praceta fora. Ela sempre gemeu mais alto. E os gajos parecia que adivinhavam. À conta daqueles guinchos, ficámos com as sobras de muitas noites. No entanto, ela é uma irmã, e as irmãs não se escolhem, vão-se conhecendo à medida que os pais têm a coragem de as apresentar à família. Ou nos funerais.

Foi para Espanha com um contacto, mas estamos preocupadas. O tipo que lhe disse para ir pareceu-nos manhoso. Fomos sair com ele umas poucas de vezes e ele dizia que tinha muitos restaurantes e trabalho para as duas. Às vezes trocava-se e dizia que eram bares ao pé da praia muito relaxados, em que as empregadas até podiam trabalhar de biquíni, se quisessem,

e que havia sempre muitas festas. Até nos pagava mais se andássemos despidas de igual.

pra mim é casa de putas
 credo, nem toda a gente anda a atacar
 alguns andam
 como o teu Velhinho?
 ele não anda ao ataque, recebe em casa e vai a hotéis
 e as noites quele e o Jesus passam de volta dos balcões?
 é business, pròs contactos
 eu também preciso de business, há dois meses que tenho
 dir comer aos meus pais
 podia ser pior
 pois podia, podia ter dir comer a tua casa
 alguma coisa contra as minhas sopas?
 líquidos sem álcool não são a minha cena
 mal-agradecida
 sopeira
 vaca
 como tu quiseses, entretanto vou apanhar ar, conhecer
 gente nova
 cabrões novos, queres dizer
 de preferência que não andem a atacar
 puta
 podia ser pior.

Estamos preocupadas. Ela, quando bebe, não se consegue manter vestida durante muito tempo.

Entretanto, a semana passou, passou mais uma e tu continuas sem dar o corpo.

Maria dos Canos Serrados

«O olho da rua fixa-nos. Sabe que o nosso rabo será dele muito em breve. E, como o único sector que está a expandir é o do gardanho, sentimo-nos cada vez mais próximas do roubo à mão armada. É a evolução natural. Caminhamos para uma vida mais honesta. Uma coisa prometemos, só vamos limpar gajos. Como fazem sempre muito mais do que nós todas juntas, está na altura de a diferença ser cobrada, para sermos iguais na nossa miséria.»

Maria dos Canos Serrados é a história de uma moça de má rês que se torna pior ainda. Arredores de Lisboa. Maria, vinte e muitos, adora a igualdade de liberdades, o namorado gigolô, as noites intoxicadas com as amigas e a ideia de vir a ser directora de uma coisa qualquer. Mas, de um dia para o outro, vê-se desamada, despedida e falida. Sem paciência para traumas, restam-lhe duas opções: resignar-se ou virar a mesa. É de arma em punho que Maria decide acertar contas com o destino. Contada de rajada na primeira pessoa, pela pena de um dos mais originais escritores portugueses do século XXI, *Maria dos Canos Serrados* é uma história refrescantemente desbocada e desgarradamente livre. Uma reflexão sobre a nova mulher, que não precisa de um Clyde para ser Bonnie.



«O autor faz descrições irónicas de um quotidiano paradoxalmente banal e singular, em que o improvável acontece sempre com a naturalidade do que já é esperado. São estas aparentes contradições — trabalhadas com talento, muito humor e esmero —, associadas a uma atentíssima percepção do real, que elevam as histórias de Ricardo Adolfo a um nível pouco comum na “novíssima” literatura portuguesa.»

José Riço Direitinho, *Público* (sobre *Maria dos Canos Serrados*)

«A escrita é de rompanete, o amor é obsessivo, louco, inconsequente...»

Ana Dias Ferreira, *Time Out* (sobre *Maria dos Canos Serrados*)

«O estilo de Ricardo Adolfo insere-se na vertente literária praticada por Anthony Burgess (*Laranja mecânica*) e com não menor qualidade estética.»

Miguel Real, *Jornal de Letras* (sobre *Maria dos Canos Serrados*)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt



companhiadasletrasportugal

ISBN: 978-989-589-426-0



9

789895 894260